

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

YASMIN CARDOSO ALVES

Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no
empoderamento feminino

Porto Alegre, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

YASMIN CARDOSO ALVES

Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no
empoderamento feminino

Trabalho de Conclusão de Curso da
Licenciatura em Pedagogia
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito
parcial à obtenção do título de
licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Arenhaldt.

Porto Alegre, 2019

Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Aline Cunha
Examinador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi
Examinadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que trilharam meu caminho, bem como contribuíram para minha formação docente e permitiram um compartilhamento de saberes, ensinando-me o que eu não sabia e tornando-me uma professora apaixonada pela educação e esperançosa por dias melhores e mudanças significativas na área.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por estarem sempre presentes nos momentos mais importantes da minha trajetória e por todo apoio e amor que sempre recebi. Agradeço também por todo crescimento profissional que as escolas oportunizaram e aos jovens, crianças e adultos que compartilharam suas experiências, vivências e contribuíram para minha constituição docente.

Agradeço a todos os meus professores, desde o ensino fundamental, médio, cursinho pré-vestibular e graduação, pois o que me tornei foi também resultado das suas ações, dos seus olhares sensíveis, acolhedores e críticos. Agradeço também, primordialmente, ao meu orientador Rafael. Obrigada por toda atenção, empatia, sensibilidade e carinho para que este trabalho fosse realizado.

Agradeço também a minha dupla de estágio, Bibiana Garcia, que também fez parte deste trabalho do processo de reflexões e planejamentos. Além disso, não posso deixar de agradecer a colaboração da professora Helena e a Totalidade 1 do ano de 2018 de uma escola de jovens e adultos do município de Porto Alegre. Vocês contribuíram não com a minha constituição profissional, mas também fizeram com que eu me tornasse uma pessoa melhor.

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre”[...]

Simone Beauvoir

RESUMO

Este estudo é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UFRGS (2019/1). Qualifica-se como pesquisa qualitativa por se preocupar com a interpretação dos dados e sua origem. A pesquisa procurou investigar a importância da escola na vida das estudantes e como a escola pode desempenhar um papel fundamental para o empoderamento das mulheres. Pensando nos condicionantes que excluíram tais mulheres da escola, a pesquisa visou entender quais foram as mudanças ocorridas na vida de cada uma delas como elas se sentem após ingressarem na escola novamente. Foram utilizadas como recurso metodológico entrevistas semiestruturadas, buscando entender quais foram as mudanças na vida dessas mulheres e como elas se sentem inseridas nesse ambiente. Para tanto, este estudo encontrou fundamentação em autores como: Guacira Lopes Louro (1997), Heleieth Saffioti (1992), Joan Scott (1990), Chimamanda Adiche (2017) entre outros, os quais produzem pesquisas em diversas áreas que se complementaram para a realização deste trabalho. Este trabalho me proporcionou um aprofundamento sobre o quanto é importante adquirir um olhar atento sobre os sujeitos, bem como suas histórias de vida, possibilitando um outro olhar diante das práticas docentes, principalmente no tocante ao posicionamento profissional, permitindo uma reflexão acerca da postura docente e, conseqüentemente, a qualificação da minha atuação como professora no sentido de promover ações que envolvam práticas educativas que possibilitem o empoderamento e o olhar crítico das estudantes imersas nos ambientes escolares.

Palavras-chave: Mulheres; Trajetórias de Vida; Escola; Exclusão; Empoderamento.

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZANDO	8
2 DE ONDE SURTIU MINHA INQUIETAÇÃO?	10
3 RESGATANDO TRAJETÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS.....	12
4 OS SUJEITOS DA EJA: UMA REFLEXÃO SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO.....	15
4.1 O conceito de gênero.....	17
4.2 Conceito de gênero na escola.....	18
4.3 Exclusão da mulher na escola	20
4.4 Exclusão Racial de mulheres	23
5 EMPODERAMENTO FEMININO	26
5.1 Empoderamento feminino na escola	28
6 (ENTRE)TECENDO TRAJETÓRIAS	36
7 CONCLUINDO, MAS NÃO ENCERRANDO A DISCUSSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42

1 CONTEXTUALIZANDO

Trata-se de trabalho de conclusão de curso, requisito obrigatório para a obtenção do grau acadêmico de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Visa compreender a partir da trajetória de vida das mulheres estudantes da educação de jovens e adultos quais foram os condicionantes para que elas não cursassem a escola no tempo dito como regular e, agora, depois de imersas nesse contexto, qual o papel que a escola desempenha no processo de empoderamento dessas mulheres. Este trabalho é resultado da reflexão sobre a prática pedagógica docente compartilhada e desenvolvida no estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na Totalidade 1, que representa os anos iniciais em uma escola voltada para a Educação de Jovens e Adultos pertencente a rede municipal de educação de Porto Alegre, realizado no segundo semestre de 2018.

Ao iniciar a semana de observação, minha maior surpresa foi chegar na turma e perceber que só mulheres estavam presentes naquele contexto de sala de aula. Naquele momento, tive a confirmação de qual seria o tema gerador. Decidimos como eixo temático a ser trabalhado o *empoderamento feminino*, já que a nossa turma era composta em grande parte por mulheres (existia apenas um adolescente de 17 anos que retornou à escola na metade do período da nossa regência). Para organizar o trabalho, separamos as semanas de estágio em subtemas norteadores do planejamento, sendo lançada a temática com uma leitura de uma história sobre alguma mulher importante na história e ligada ao tema, bem como igualdade de gênero e de raça, trabalho, saúde, liberdade de expressão e de se sentirem importantes naquele espaço, sendo mulheres, estudantes e sujeitos ativos na sociedade.

Durante a prática docente, inúmeras questões percorreram minha atuação em sala de aula. Ao longo do processo e das trocas diárias em sala de aula, prevaleceu com o interesse em saber um pouco das trajetórias de vida de cada sujeito imerso naquele espaço para tentar entender suas demandas, dificuldades na aprendizagem, bem como qual a melhor forma de ministrar aulas de modo que fosse

significativo para elas. Nesse sentido, duas questões pertinentes me acompanharam em quase todo o estágio: o que ocorreu na trajetória de vida daquelas mulheres que as impediu de frequentar a escola; e, agora, sendo pertencentes ao espaço escolar: o que mudou em suas vidas e o quanto a escola exerceu um papel de empoderamento em suas vidas.

2 DE ONDE SURTIU MINHA INQUIETAÇÃO?

Entendendo que apenas pelo fato de ser mulher dentro de uma sociedade machista e excludente de acesso e igualdade já “saímos” em desvantagem em inúmeros aspectos, nós mulheres sentimos essa diferenciação diariamente com as experiências vividas. Partindo da convenção social de que a nossa sociedade carrega em sua história e atualidade inúmeras exclusões, em cor, raça, gênero e posição social, a mulher já “sai” em desvantagem na corrida da vida. Essa diferenciação só é sentida por quem incorpora em sua história algum desses ingredientes, e, quanto à mulher, a caminhada pode e, na maioria das vezes, é mais difícil.

Portanto, quando ingressei na escola e na sala da Totalidade 1, correspondente a alfabetização, me deparei com uma turma composta apenas por mulheres, passei a entender que as práticas de exclusão são e foram efetivas. A partir desse momento, comecei a refletir e a tentar entender o que fez essas mulheres não terem tido acesso à escola. Será que havia sido pelo machismo vivido, ou pela diferença de cor, ou talvez pela classe social?

Como base no contexto observado, senti a necessidade de fazer uma escuta visando compreender, por meio das histórias de vida ou suas trajetórias, quais foram os condicionantes sociais que elas viveram para que as fizessem não conseguir frequentar a escola com efetividade.

A partir disso, decidi buscar entender o porquê de não terem conseguido frequentar a escola na infância e ou no tempo que se diz “regular”. Outro questionamento que estava muito presente naquele contexto, era como essas mulheres depois de adultas, com família constituída, aposentadas e trabalhadoras retornaram ao ambiente escolar. O que as fez voltar a estudar? Quais seriam seus objetivos a partir desse retorno? Como elas se sentem dentro desse contexto? Qual a importância da escola para elas? Muitas eram as perguntas que eu me fazia ao estar imersa dentro da realidade daquelas mulheres.

Trouxemos uma temática coerente com o contexto da turma, nosso principal objetivo era trazer para elas mulheres que fizeram história e mostrar o reconhecimento dessas mulheres, trazer a ideia do machismo tão enraizado na

nossa sociedade e buscar fazer com que elas passassem a se enxergar como sujeitos ativos e pertencentes de forma significativa naquele espaço. No decorrer das aulas, senti que muitas conseguiam refletir e entender a diferenciação de gênero muito presente na nossa sociedade, pois elas ficavam muito felizes em descobrir ou conhecer algo novo sobre mulheres que fizeram história, ou até mesmo descobrir que, até pouco tempo, as mulheres não podiam sequer votar.

A partir dessas vivências que passamos a ter com elas, surgiu outra inquietação: como que essas mulheres com diferentes histórias e trajetórias se sentem com a nova inserção no ambiente escolar? O que mudou na vida delas? E como elas fazem uma comparação delas antes da EJA e depois de passar a pertencer ao espaço escolar? Passei a refletir também acerca do papel que a escola desempenha, pois, muito mais do que alfabetizar aqueles adultos, a escola também é um espaço de reposicionamento social, considerando que nesse ambiente as pessoas podem discutir sobre política, começar a ser sujeitos reflexivos e atentos aos acontecimentos, isto é, a escola é um espaço de criação de vínculo, de estabelecimento de afetividade entre os sujeitos no sentido de formá-los também socioculturalmente.

Com isso, comecei a pensar sobre todas as inquietações e a fazer um movimento de escuta com as mulheres para tentar compreender as demandas que eu havia estabelecido por meio das conversas e falas em sala de aula ou como elas se colocavam e refletiam com as propostas que eram oferecidas. O objetivo principal, então, era entender como ocorriam os processos de vida e da escola para tais mulheres, além de buscar relacionar quais foram os condicionantes culturais e históricos que impediram que esses sujeitos frequentassem a escola no tempo dito “regular” e, agora, depois de estarem imersos nesse contexto escolar o que mudou em suas vidas e nos demais espaços sociais dos quais fazem parte. Com um objetivo traçado resolvi realizar, após conseguir alguns relatos que surgiram de forma espontânea, algumas entrevistas com as estudantes. Escolhi cinco alunas com a faixa etária de entre 40 e 70 anos, para responder algumas perguntas que elaborei, ou seja, questionamentos simples e associados ao espaço escolar.

3 RESGATANDO TRAJETÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS

Queiroz define história de vida como: "o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu" (1988, p.20).

Com um objetivo traçado, resolvi após conseguir alguns relatos que saíam de forma espontânea, realizar algumas entrevistas com as estudantes. Escolhi cinco alunas para responder algumas perguntas que elaborei, a escolha das cinco delas e o critério de escolha das estudantes deu-se de forma aleatória, à medida que elas iam sentindo-se a vontade para contar sobre suas vidas isto é, questionamentos simples e associados ao espaço escolar. As perguntas eram as seguintes: o que impossibilitou de frequentar a escola no tempo "regular"? O que fez com que retornasse para a escola agora depois de adulta? O que mudou na sua vida após retornar para a escola? Qual a importância da escola para você?

Utilizei como metodologia de pesquisa entrevistas semiestruturadas realizadas durante as aulas com as estudantes da Totalidade Inicial da EJA, bem como a partir de observações viabilizadas durante a prática pedagógica na condição de estagiária docente da Educação de Jovens e Adultos. As entrevistas foram efetuadas durante alguns intervalos (momentos de descanso das estudantes) e momentos nos quais a formalidade diminuía. As conversas surgiam de forma espontânea e algumas delas permaneciam em sala de aula. As perguntas foram elaboradas com o intuito de perceber quais os motivos as impediram de frequentar a escola, qual a importância da escola na vida de cada uma delas e o que mudou em suas vidas a partir do retorno ao ambiente escolar.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro elaborado, em destaque no Apêndice 1. O objetivo do roteiro foi nortear a conversa com as estudantes. Contudo, a entrevista se deu de forma bastante informal, isto é, com base nas perguntas que foram feitas, elas respondiam e acrescentavam um pouco mais acerca de suas histórias de vida e trajetórias.

Sendo assim, decidi conhecer um pouco das histórias de vida das mulheres estudantes da EJA, por imaginar que naqueles rostos, muitas vezes marcados em razão do tempo, existia também uma grande bagagem, histórias e relatos que

pudessem fazer com que fosse possível entender um pouco mais sobre elas e o que fez com que deixassem a escola no passado para retornar depois de um longo período de afastamento.

Quando falamos de sujeitos da EJA, estamos partindo do pressuposto que eles carregam uma enorme bagagem, de seus diferentes contextos vividos e seus percursos até a chegada na escola novamente. A partir desse contexto, a escola tem um papel fundamental na vida de tais pessoas, pois passa a ser um agente de transformação e empoderamento em suas vidas ao oportunizar que leiam o mundo e possam, a partir de suas aprendizagens, ter voz ativa na sociedade, fazendo suas escolhas e sendo as protagonistas de suas próprias vidas.

Decidi resgatar as memórias por meio da oralidade buscando, com entrevistas simples, um relato conciso de suas vidas e os motivos pelos quais estavam na escola novamente. O processo de escuta sensível é um momento que evidencia enorme sensibilidade, tanto por parte do ouvinte quanto do interlocutor, pois, naquele caminho, diferentes sentimentos estão sendo resgatados e também algumas memórias não tão agradáveis.

Utilizar o dispositivo de uma Escuta sensível em processos de pesquisa implica se dispor a ter um olhar atento para as demandas e vivências dos sujeitos, compreender com empatia suas trajetórias de vida e buscar relações de confiança com o grupo. A perspectiva científico-clínica da escuta sensível, segundo Barbier (2002), acontece durante a avaliação inicial do grupo para diagnosticar suas necessidades, bem como considera os sujeitos de forma holística em suas dimensões física, mental e espiritual.

No entanto, tal exercício foi fundamental para a compreensão da vida dessas mulheres e por todos os caminhos que elas trilharam, ficando evidente o papel essencial que a escola apresenta no sentido de que tais mulheres possam resgatar sentimentos esquecidos, se sintam vivas, pertencentes a um grupo e sejam responsáveis por elas mesmas. Além disso, tenham condições de se sentir empoderadas em todos os lugares que frequentam, sabendo que são pessoas fortes, que podem expressar suas opiniões e decidir sobre suas próprias vidas.

O trabalho proposto utilizou nomes de Flores para representar as interlocutoras da pesquisa, ou seja, Violeta, Margarida, Rosa, Dália e Jasmim. Com isso, além de preservar suas identidades, figurou como uma maneira de prestigiá-

las, fazendo com que se sentissem diferentes, sensíveis, com diferentes histórias de vidas, partindo da ideia de florescimento, evolução e crescimento.

No período do estágio, realizei a entrevista com três estudantes. Na ocasião, a produção de dados foi realizada a partir de uma conversa informal na qual as participantes relatavam acerca de suas trajetórias enquanto eu inseria as perguntas ao longo da conversa. A realização da entrevista foi espontânea, pois as estudantes aceitaram, de forma satisfatória, conversar e contar sobre suas vivências e histórias. Assim, observei que aquele momento de conversa foi importante para elas, uma vez que, naquele diálogo, havia uma pessoa interessada em ouvi-las, conhecê-las e valorizar suas trajetórias.

Após a análise das três entrevistas, senti a necessidade de conversar com mais mulheres para entender um pouco a ligação de suas trajetórias de vida com o abandono da escola e o retorno já na vida adulta. Diante da necessidade de mais escutas, retornei à escola e conversei com mais duas estudantes que estavam inseridas na mesma turma na qual foi realizada o estágio. A conversa foi viabilizada a partir da gravação de um áudio e ocorreu de forma natural. Foi oportuno notar que elas estavam felizes ao ter a possibilidade de contar suas histórias. Assim, observei que elas se sentiram valorizadas, vistas e importantes naquele processo de escuta.

4 OS SUJEITOS DA EJA: UMA REFLEXÃO SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO

Gênero é uma categoria criada para demonstrar que a grande maioria das diferenças entre os sexos são construídas social e culturalmente a partir de papéis sociais diferenciados que, na ordem patriarcal, criam polos de dominação e submissão (CUNHA, 2014. p.2). A educação segue desde o Brasil colônia uma conduta excludente com um grupo de indivíduos, pois as classes que eram privilegiadas ao acesso à educação eram as pessoas brancas pertencentes à elite e que exerciam um papel de destaque na sociedade, as demais classes: negros, indígenas e principalmente a maioria das mulheres eram excluídas do acesso à educação. Quanto menor fosse o privilégio, mais excluído o sujeito era.

Nesse período da história no Brasil Colônia não havia nenhuma preocupação pedagógica ou de políticas públicas que se voltassem para a educação de jovens e adultos, existia somente por parte de instituições religiosas (jesuítas) a prática de alfabetização dos indivíduos pertencentes as fazendas. Contudo o que existia era apenas um olhar generalizado para as classes populares. Nos anos 40, após o processo de “regulamentação”, tudo começou na Educação de Jovens e Adultos e foi dada a partida na Política Educacional Nacional. Conforme Ribeiro (2001, p.59), “se constituiu como política educacional”. Assim, as organizações voltadas para essa modalidade de ensino foram articuladas para sua efetividade.

A EJA é procurada por sujeitos que não tiveram acesso à educação no tempo dito “regular”, pois inúmeros motivos fizeram com que tais sujeitos não tivessem condições de estar no ambiente escolar no período considerado o adequado. Entretanto, pensando no acesso, as mulheres tiveram menos oportunidades ainda, pois, desde muito cedo, tiveram que abraçar suas casas e famílias e/ou trabalhar para garantir o sustento e completar a renda. Vale frisar também a clara imposição pautada na construção social de que somente homens deveriam exercer cargos importantes, profissões importantes, restando às mulheres da classe média alta a possibilidade de atuar sendo professora. As mulheres pobres foram, então, obrigadas a deixar a educação em razão de três aspectos: primeiro porque o acesso era dificultado; segundo por conta da prioridade ser o trabalho e terceiro porque

prevalecia certo preconceito acerca da possibilidade de que a mulher fosse letrada, visão tão enraizada que até mesmo as próprias mulheres não enxergavam o acesso à educação como um direito universal, independente de gênero, cor ou classe social.

Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. A essas divisões se acrescentariam ainda as divisões religiosas, que também implicariam diversidades nas posições educacionais (LOURO, 1997, p.1).

Além do acesso à educação ter sido limitado para as mulheres, as crianças, jovens e adultos negros não tinham acesso, pois não havia uma preocupação acerca de que tais sujeitos frequentassem a escola. Os negros eram inclusive, proibidos de frequentar o mesmo ambiente que os brancos.

As práticas educativas que existiam eram relacionadas com a posição social que aquele sujeito exercia. Com isso, o ensino era realizado conforme cada região e era ensinado para os homens, além da leitura e da escrita, o conhecimento das quatro operações, bem como também passaram a ser oferecidas noções de geometria. As meninas, por outro lado, recebiam práticas de bordado e costura, o que caracterizava uma diferenciação de acesso, pois aos homens eram oportunizados ensinamentos específicos que faziam com que saíssem da escola com maior possibilidade de conseguir um emprego melhor ou ascender socialmente. As práticas destinadas às mulheres, por conseguinte, faziam com que fosse mantido um papel de inferioridade.

No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridades sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (LOURO, 1997, p. 2).

Depois do contexto histórico a respeito dos estereótipos criados para as mulheres e suas vidas serem condicionadas ao trabalho, dedicação voltada especificamente para a família e o cuidado com o lar, tivemos um grande movimento

de avanço social para as mulheres, isto é, após criarem seus filhos e conseguirem certa liberdade quanto às amarras impostas por seus companheiros e/ou pela sociedade, elas hoje buscam retomar ao espaço escolar almejando novas oportunidades em torno do que é um de seus direitos, além de criarem uma perspectiva de vida satisfatória para obter um emprego melhor e a aquisição de autonomia para conduzir suas vidas.

4.1 O conceito de gênero

O conceito de gênero surgiu em meados da década de 1970, momento no qual a política sofria uma grande movimentação em razão das inúmeras manifestações que vinham ocorrendo, reivindicando transformações culturais e sociais no mundo inteiro. “[...] pois novos estilos de vida e modos de comunicação dariam forma a toda uma série de alternativas às instituições do status quo” (ADELMAN, 2016, p. 40-41). A partir desse quadro de mudanças que a sociedade vinha solicitando, as mulheres feministas passam a ver possibilidade em visibilizar suas causas e com esse intuito surge o conceito “gênero”.

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (SCOTT, 1989, p.2).

Entendemos, assim, que o conceito de gênero está diretamente ligado às mulheres, suas lutas e inquietações, visto que se faz necessário esse conceito para rever as discriminações sofridas pela distinção entre homens e mulheres,

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos —étnicos, sexuais, de classe, de gênero etc (LOURO, 1997, p.3).

A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão muito particular.

A tentativa de construir o ser mulher subordinado, ou melhor, como diz Saffioti (1992), como dominada-explorada, vai ter a marca da naturalização, do inquestionável, já que seria dado pela natureza. Todos os espaços de aprendizado, os processos de socialização vão reforçar os preconceitos e estereótipos dos gêneros como próprios de uma suposta natureza (feminina e masculina), apoiando-se sobretudo numa determinação biológica. A diferença biológica vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade.

As relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres.

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

O “quem somos” vai se constituindo por meio das relações com os outros, com o mundo dado, objetivo. Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal, uma história de vida e um projeto de vida. Neste processo, o fato de se pertencer a um gênero ou outro, ser menino ou menina, também conforma as referências iniciais no mundo.

4.2 Conceito de gênero na escola

É importante frisar que, embora muitas vezes possa parecer que as relações de poder que permeiam a prevalência da categoria gênero possam atingir apenas a população adulta, elas vêm sendo cultivadas desde o período da infância. Desde

pequenas, as crianças são bombardeadas com informações a respeito do que é ser menino e do que é ser menina; do que é próprio de cada um e do que não é; do que é permitido e do que é proibido. Por mais que os Estudos de Gênero tenham tentado provar o contrário, permanece a crença de que existe uma tendência natural que faz com que as crianças se agrupem de acordo com o gênero, que estruturam seus gostos conforme o gênero, que se comportem a partir do que se acredita que é característico daquele gênero. Isso que, por alguns, é atribuído à Biologia é, na verdade, fruto de uma cultura que sempre menosprezou a mulher, conferindo-lhe um status inferior; que concedeu ao homem o papel principal e que reduziu a mulher, no melhor dos cenários, a coadjuvante. Essa cultura que se fundou em relações desiguais de poder promoveu, além da inferiorização, do menosprezo e da invisibilização daquilo que era associado ao feminino, a distinção exagerada entre os sexos, o que resultou na criação de modelos dicotômicos de homem e de mulher: o herói destemido e a donzela indefesa; aquele que age e aquela que assiste; o que fala e a que escuta; o que manda e a que obedece.

A escola, nesse sentido, infelizmente e ao contrário do que poderia, pelo seu papel de leitura crítica e transformadora da realidade, tem se revelado uma instituição que reafirma e perpetua essas relações de poder e que contribui, portanto, para a produção e para a manutenção das diferenças entre meninos e meninas – para a “fabricação dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 63):

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para "provar" distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos "próprios" de cada gênero. O movimento feminista vai, então, se ocupar centralmente dessa diferença — e de suas consequências (LOURO, 1997, p. 45).

Na escola, por meio da apresentação de modelos, de representações de masculinidade e de feminilidade historicamente naturalizados, são estipuladas referências a partir das quais se determina o diferente (LOURO, 1997, p. 47) – referências essas que são expostas aos estudantes e que ainda hoje produzem efeitos na constituição de suas identidades, que acontece da seguinte forma:

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parece penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades "escolarizadas". Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas *habilidades* e não outras. E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença (LOURO, 1997, p. 61).

Diferentes são as práticas que podemos levar para dentro das escolas proporcionando uma visão mais humanizada de educação e um olhar mais sensível para os sujeitos. Práticas de empoderamento em uma turma de jovens e adultos é primordial para os estudantes, pois é naquele espaço que eles vão se reconstituindo, criando possibilidade de um novo olhar e prática social, seres em constante transformações, internas e externas, sujeitos que buscaram retornar para a escola esperando um lugar diferente, um espaço de criação e liberdade. Sendo assim, é fundamental que pensemos em temáticas e eixos condutores que fundamentem e conversem com a busca dessas estudantes, promovendo aprendizagens significativas, partindo do olhar individualizado para as estudantes, buscando sua construção e busca por empoderamento.

4.3 Exclusão da mulher na escola

Inúmeros são os condicionantes que motivaram e/ou levaram tais mulheres a terem que abandonar a escola no tempo dito como "adequado". Contudo, me detenho aqui aos aspectos que pude observar dentro da sala de aula da EJA e a partir das falas dessas mulheres no dia a dia da sala de aula.

A questão do machismo e a misoginia presente na vida dessas mulheres são aspectos primordiais para a reflexão, pois seus maridos não deixavam que frequentassem a escola, ficando para eles a responsabilidade de trabalhar fora e obter algum tipo de formação, enquanto as mulheres eram obrigadas a ficar em casa, sendo responsabilizadas por todos os afazeres domésticos, bem como manter

a casa organizada para esperá-los. Outro aspecto relevante para essa exclusão é o fato de que os maridos tivessem ciúmes que as mulheres saíssem, pois imaginavam que os ambientes pelos quais elas fossem circular poderiam incentivá-las à traição ou ao contato com outras pessoas que pudessem influenciá-las a tomar atitudes de libertação, empoderamento.

Muitas mulheres eram expostas às práticas de violência física e psicológica fazendo, assim, elas terem medo dos seus companheiros, afirmando que eles as dominavam e mandavam nelas e na casa, pois o lugar delas era dentro de casa, sem poder ter socialização, trabalho e o acesso ao estudo.

Outro condicionante é o preconceito por conta dos diferentes tempos de aprendizagem ou a forma física das pessoas. Com base nos relatos das mulheres da turma no decorrer do estágio, pude observar que muitas foram as práticas excludentes que fizeram com que abandonassem a escola, sendo uma delas a “deficiência” ou o diferente, visto que eram julgadas em razão da forma física, de peso, tamanho e algum outro aspecto que as diferenciava do dito “normal”. Uma de tais diferenças, por exemplo, é o lábio leporino que uma das estudantes tinha. Com isso, ela relatou em sala de aula que a chamavam de aleijada e a excluía dos grupos na escola ou da interação e integração entre os colegas. O ambiente escolar para aquela mulher, então, passou a figurar como espaço de dor, sofrimento e exclusão.

A condição social das pessoas era um fator importante para a dificuldade do acesso à escola. Muitas famílias saíam de seus lugares de nascença para tentar a vida em outros lugares, uma prática que acabava muitas vezes sendo falha, pois não se conseguia emprego e moradia de forma efetiva. Os casais com muitos filhos acabavam por precisar do auxílio dos filhos para a complementação de renda e o estudo ficava em segundo plano. Essas práticas eram muito comuns. Uma das alunas da turma do estágio relatou em aula que sempre passou muita dificuldade com a família, visto que sua mãe até gostaria que ela e os irmãos estudassem, mas em razão da baixa renda e as condições precárias que viviam, não foi possível proporcionar o acesso à escola para ela e nem para seus irmãos. Faltavam recursos financeiros para o deslocamento, alimentação e materiais escolares.

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola (BRASIL, 2014).

Desta forma, entendemos que a exclusão apresenta características comuns nos processos de segregação e integração desses sujeitos, resultando em uma seleção de um determinado grupo ao acesso à educação, naturalizando a ideia de que os sujeitos que não se adequam a esses quesitos ou regras, acabam sendo justificativas para a naturalização do fracasso escolar. Essas barreiras geram injustiça social, vulnerabilidade, rebaixamento de expectativas em relação à vida familiar, escolar, laboral, esportiva, do lazer e colocam tais pessoas em desvantagem em relação às outras (MANTOAN, p.4, 2017).

Essa problematização exemplifica que os processos normativos de exclusão, segregação dos alunos em virtude de suas características intelectuais, físicas, culturais e sociais estruturam o modelo tradicional de educação escolar. Faz-se necessário, portanto, repensar o que tem sido dito – e o que tem deixado de ser dito – na escola. Como justifica Louro (1997, p. 85):

se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 1997, p. 85).

Precisamos entender que a escola é um espaço onde tudo está ocorrendo ao mesmo tempo. Por isso, assim como há processos de aprendizagens em desenvolvimento também está ocorrendo a formação de personalidade dos sujeitos, sua formação como indivíduo. Assim, precisamos promover um espaço de equidade no qual meninos e meninas sejam vistos com os mesmos direitos e acessos.

4.4 Exclusão Racial de mulheres

Outro ponto fundamental para a reflexão é o fato da haver grande parcela de mulheres negras inseridas na educação de jovens e adultos. Penso diante dessa realidade que a exclusão não ocorre apenas a partir de gênero, mas também pela cor da pele. Pude observar na turma em que realizei meu estágio obrigatório que, de sete mulheres, apenas uma era branca refletindo, assim, que um dos condicionantes para a exclusão dessas mulheres da escola na sua infância era também a cor da pele que elas tinham.

Sabemos com base na história da educação no Brasil que ela sempre foi limitada a uma parcela da sociedade e restringia o acesso aos sujeitos de melhores classes sociais, brancos e homens. Uma das mulheres participantes da turma de alfabetização relatou durante as aulas seu sofrimento diário na escola, nas casas onde trabalhava, simplesmente pelo fato de ser negra. Entende-se que o outro condicionante importante para a exclusão dessas pessoas, principalmente das mulheres negras, é o fato delas serem obrigadas a trabalhar nas casas das pessoas com melhor poder aquisitivo e servirem de “escravas” para esses senhores e senhoras. Muitas delas eram obrigadas a morar nessas casas e cuidar dos filhos dessas pessoas, além de ser responsável por todos os afazeres da casa, limitando que sequer tivessem tempo para poder frequentar a escola. As mulheres que conseguiam ir para a escola não se mantinham dentro do ambiente, pois sofriam preconceito desde muito cedo, sendo que uma escola destinada à elite não aceitava pessoas negras e pobres.

Os negros eram e continuam sendo marginalizados como se tivessem uma demanda diferente para a aprendizagem. Afinal, eles eram de outra raça, deveriam ficar longe dos brancos. Além disso, pensavam que não tinham a mesma capacidade de aprendizagem dos brancos. “Eram mais intuitivos que racionais e, pior, estavam em um estágio inferior de civilização.”, tal como declarava um psicólogo e ativista norte-americano negro chamado Kenneth Bancroft Clark, que

critica a visão que havia e se tem acerca dos negros. A prática de exclusão e segregação influenciou diretamente no psicológico dessas pessoas, fazendo acreditar que essa diferenciação existia de fato é que eles eram inferiores apenas pela cor da pele, o que ocorria principalmente com as mulheres que já eram vistas como as que tinham menos saber, que eram destinadas a cuidar da casa, filhos e servir os senhores.

Tal comportamento preconceituoso e excludente se perpetua desde a escola em sua formação, sendo que, nos dias atuais, as práticas dentro da sala de aula promovem preconceito e discriminação às vezes de forma involuntária. Quando, por exemplo, pede-se um lápis de cor, cor de pele, precisamos refletir imediatamente sobre qual cor de pele estamos referindo, visto que todas as pessoas possuem cor de pele diferentes. Além desse exemplo, vários outros estão presentes no dia a dia da sala de aula. “Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar” (BRASIL, 2010). Pensando em mulheres presentes na educação de jovens e adultos, podemos refletir ainda acerca da faixa etária dessas mulheres, pois muitas estão na faixa dos 40 até 70 anos, confirmando que a oportunidade de acesso antigamente era muito mais difícil, considerando que as mulheres foram excluídas por diferentes formas e causas. Contudo, cabe ressaltar tamanha segregação e condicionantes ao fracasso escolar.

Diferentes são os aspectos que excluíram essas mulheres da escola:

O Brasil é um país rico em diversidade cultural, negros, brancos, europeus, asiáticos entre outros, vivem numa sociedade heterogênea onde poderia existir um grande intercâmbio cultural. Infelizmente na maioria dos casos isso acaba não ocorrendo, na verdade o que acontece é uma segregação daqueles ditos diferentes e isso vai totalmente contra os princípios democráticos (CARONE, 1998, p. 174).

Diante do que fora apresentado, um passo importante a ser dado na educação inclusiva ou “tradicional” é necessário que se repense o nosso modelo de educação (não pensando em um modelo de educação para a diferença, mas sim para a diversidade), no qual todos os sujeitos sejam vistos com suas singularidades e possam ter a garantia de acesso e permanência na escola, conseguindo uma aprendizagem efetiva e concreta.

5 EMPODERAMENTO FEMININO

A palavra “empoderamento” é, naturalmente, descrita em dicionários da língua portuguesa como Aurélio e Houaiss. De acordo com eles, o termo conceitua o ato ou efeito de promover conscientização e tomada de poder de influência de uma pessoa ou grupo social, geralmente para realizar mudanças de ordem social, política, econômica e cultural no contexto que lhe afeta.

Empoderamento feminino é o ato de conceder o poder de participação social às mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos, como a total igualdade entre os gêneros. Esse conceito também é conhecido e utilizado como “empoderamento das mulheres” visando dar voz e vez para elas, as deixando livres e habilitadas ao posicionamento em diferentes espaços.

O movimento de empoderamento feminino busca o direito das mulheres para que elas sejam pessoas ativas nos campos sociais, políticos e econômicos, que suas vozes sejam ouvidas e atendidas, que elas possam participar de forma ativa nos debates públicos e tomar decisões que sejam importantes para o futuro da sociedade, principalmente nos aspectos que estão relacionados com elas próprias.

A luta em favor do empoderamento não ocorre de forma individual e singular. As mulheres ativas nesse movimento buscam conquistas e participam das lutas de forma coletiva, pensando nas mulheres para as mulheres. O empoderamento está no conhecimento e na autonomia socioeconômica que as mulheres podem alcançar e desenvolver, pois, assim, conseguem o poder de escolha, decisão e influência, tendo o poder para escolher consciente e racionalmente seus companheiros ou companheiras, representantes políticos, opção de ter filhos ou não, profissões e carreiras.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. (SARDENBERG, 2006, p. 2).

O empoderamento feminino implica em tomar para as mulheres a responsabilidade de criar e desenvolver o próprio poder e autoridade, habilitarem-se para assumir esse poder e, a partir da construção de si própria, conseguir se colocar no lugar de outras mulheres, estendendo a mão, auxiliando que elas também possam trilhar seus caminhos de forma autônoma, que esse movimento encoraje outras mulheres a lutar juntas e conquistar seus espaços na sociedade. O mais importante de tudo é que possam caminhar na mesma direção.

O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade. Al ter em conta o processo histórico que cria a carência de poder, torna-se evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes; quer dizer, se reconhece o imperativo da mudança (LEON, 2001, p.97).

A luta das mulheres continuou após as conquistas ditas como burocráticas, tidas como direitos. Ela floresce em meio a uma sociedade com suas próprias dificuldades, pois o empoderamento é contemporâneo e necessário. Hoje, ele é como fruto desse processo, é causa e ação do feminismo. As adeptas sofrem antes de empoderar outras mulheres, pois o seu próprio processo de empoderamento que as permite enxergar e combater a imposição masculina a que estão sujeitas, implica em ofertar mudanças no meio em que estão inseridas transformando as estruturas de subordinação. É fato que há muito a ser mudado, mas isso não diminui o que foi e está sendo conquistado. O empoderamento é um importante elemento na construção de uma sociedade igualitária. A união entre as mulheres é capaz de estabelecer uma verdadeira revolução.

a maior força, mais importante e menos aparente do movimento feminista esteja na semente de questionamento e de reivindicação que surge na consciência das mulheres que, vivendo anonimamente o seu cotidiano, vêm tentando transformá-lo e recriar a sua relação com o mundo, com os conhecimentos, com os filhos, consigo mesmas (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 70).

O empoderamento é fundamental para dar liberdade para as mulheres que, além de sentir a ameaça machista, também são afetadas pela desigualdade econômica e racial dentro de uma sociedade que marginaliza aquilo que entende como “minorias”, excluindo essas pessoas vistas como minoria da escola, do trabalho

ou de diferentes outros lugares de convivência social, na maioria das vezes pelo fato de serem mulheres. Devemos oportunizar empoderamento das as mulheres para que elas tenham a possibilidade e autonomia de fazer sua própria revolução, para que possam se enxergar de forma igualitária perante aos homens.

5.1 Empoderamento feminino na escola

Pensando nas lutas e nos espaços nos quais essas mulheres podem se tornar “empoderadas”, não podemos deixar de falar de um espaço fundamental para essa mudança, a escola, lugar que tem uma responsabilidade social com os indivíduos que ali estão imersos. A escola precisa formar alunas empoderadas que possam refletir sobre os acontecimentos da sociedade e não tenham medo de se expor e expressar sua opinião. Além dessas construções internas e desenvolvimento do indivíduo no sentido de aquisição de autonomia, também vale acrescentar que esse conceito vai além de uma luta individual. Ele faz com que as mulheres se ajudem de maneira mútua para que possam se inserir de forma ativa na comunidade em que vivem e que esse processo de empoderamento vá ao encontro de todas as formas de liberdade consolidando, assim, uma sociedade justa e igualitária. Por isso, é fundamental que conceito seja tratado no ambiente escolar.

Diferentes são as práticas que podemos levar para dentro das escolas proporcionando uma visão mais humanizada de educação e um olhar mais sensível para os sujeitos. Práticas de empoderamento em uma turma de jovens e adultos são primordiais para os estudantes, pois é naquele espaço que eles vão se reconstituindo, criando possibilidade de um novo olhar e prática social, seres em constante transformações, internas e externas, sujeitos que buscam retornar para a escola esperando um lugar diferente, um espaço de criação e liberdade. Em razão disso, é fundamental que pensem em temáticas e eixos condutores que fundamentem e conversem com a busca dessas estudantes, promovendo aprendizagens significativas, partindo do olhar individualizado para as estudantes, buscando sua construção e busca por empoderamento.

“Estar na EJA é uma chance para mim” (Margarida)

Conversando com a aluna Margarida, ela relatou que estar na educação de jovens e adultos é uma chance para ela, pois antes ela não conseguia ir ao mercado e ler os preços dos produtos, que passava pelos lugares e não entendia o que diziam nas placas e anúncios. No entanto, hoje já consegue reconhecer o valor sonoro das letras e compreender sobre o que tratam as palavras. Refere-se ao retorno à escola como uma chance e não como um direito à educação, muito pelos aspectos culturais e discriminantes dos adultos terem acesso à educação ou retornarem à escola.

“Meu sonho era conhecer outro mundo, diferente do meu” (Violeta)

A aluna Violeta relatou que nunca foi para a escola, nunca conheceu como era a arquitetura de uma escola. Sua família era muito pobre e passavam trabalho. Ela e os irmãos tiveram que trabalhar para complementar a renda da família. Disse que tinha amigos que iam para a escola e ela não entendia o motivo pelo qual não podia frequentar o ambiente escolar, mas dizia que “tudo bem, quando eu tiver oportunidade eu vou aprender”. Violeta diz que logo muito nova foi morar em casas de família e trabalhar para essas pessoas. Sofreu bastante, pois não conseguia ler nem escrever, mas que teve uma “patroa” que tentou ajudá-la na leitura, ensinou para ela as vogais e como escrevia seu nome. Ela estava grávida e tinha muito receio que o “estudo” atrapalhasse no trabalho. Contudo, a patroa a tranquilizou e disse que ela poderia fazer as duas coisas, pois compraria os materiais e a incentivaria no que fosse necessário. Entretanto, apesar dessa ajuda, não chegou a ir para a escola e nem se alfabetizou.

Violeta não gostava da condição que vivia. Disse que sabia que existia um mundo melhor, diferente do que ela vivia. Ela não queria mais aceitar estar nessa condição. Relatou que, depois de adulta, uma amiga disse que estava estudando e mencionou que ela deveria se apresentar na escola. Violeta disse que tinha um sonho de estudar, mas hoje estava com 51 anos de idade. Tinha vergonha de

voltar. Mesmo assim, teve incentivo de sua filha que a auxiliava, assim como contou com o apoio de sua amiga. Hoje, sente-se muito honrada de estar na escola. Diz que aquele espaço é um paraíso, que a vida dela agora é a escola. Quando preciso responder a respeito da importância da escola em sua vida afirmou: “mudou minha vida. Me sinto honrada, me sinto tão feliz”. E complementou informando que: “Hoje eu passo pelos lugares e leio as placas, não leio só na escola. Hoje, em todos os lugares que vou eu leio. Sei ler. A escola mudou a minha vida e quero ainda convidar vocês para participar da minha formatura. Eu não vou desistir. Eu vou até o fim”.

A aluna Violeta é um exemplo do quanto a escola, principalmente de educação de jovens e adultos, exerce um papel fundamental e transformador na vida das pessoas, pois, além de aprender a ler e a escrever, a aluna relatou com felicidade sobre o quanto se constituiu como pessoa, o quanto fica feliz em ler o mundo na rua, nas trocas que estabelece na escola e na interação com as pessoas que também pertencem a este espaço.

“Eu cheguei a ir para a escola, mas não consegui aprender, eu sofria Bullying” (Margarida)

Conversando com a aluna Margarida, perguntei quais foram os condicionantes que a impediram de frequentar a escola no tempo “regular”. A aluna relatou que chegou a ir para a escola, mas não conseguiu aprender, pois sofria o chamado *bullying*. Os colegas mencionavam que era aleijada, pois ela nasceu com lábio leporino (repartição labial congênita). Margarida perdeu sua mãe quando tinha apenas 3 anos de idade. Com isso, passou a ser criada pelos irmãos mais velhos e, logo que ficou um pouco maior, já foi morar e trabalhar em casas de família. Segundo Bandeira e Hutz (2010), o *bullying* pode ter um impacto negativo na autoestima dos alunos ocasionando a exclusão social e o baixo rendimento. Além da exclusão, o aluno que sofre *bullying* pode desistir com maior facilidade da escola, pois tal espaço transforma-se em excludente. Assim, penso no quanto ações excludentes deixam marcas na vida das pessoas. Margarida abandonou a escola e, durante toda sua adolescência e fase adulta, nunca conseguiu pensar na

possibilidade de voltar para tal espaço, reafirmando o quanto práticas de bullying podem trazer traumas para as pessoas que os sofrem.

O *bullying* acaba muitas vezes isolando a vítima e causando baixa autoestima, o que acarreta a falta de vontade de ir à escola e queda no rendimento escolar (OLIVEIRA-MENEGOTTO, PASINI e LEVANDOWSKI, 2013). Assim, a aluna Margarida carrega essas marcas até hoje na vida adulta, pois não acredita no seu potencial para avanço na alfabetização. Ela desacredita em suas capacidades pessoais, apresentando-se insegura e com uma baixa autoestima.

“Nunca pude estudar, sempre fui escravinha de branco, meu marido também nunca me incentivou” (Rosa)

Perguntando para a aluna Rosa o que a impediu de ir para a escola quando era pequena. Ela relatou que vivia trabalhando, bem como era matriculada nas escolas, frequentava alguns dias e logo em seguida era retirada do ambiente escolar. Ao longo de toda vida trabalhou em casa de família, casou-se com 22 anos, mas continuou trabalhando em casa de família. Tinha uma patroa que a maltratava muito, a tratava como escrava. Com 10 anos, quando estava bem na escola e ia passar de ano, a patroa a tirou do colégio. Com 13 anos teve que fugir da casa em que morava e não entendia porque sua mãe chegava a visita-la, mas não tirava daquela casa. “A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência” (LOURO, 1997. p.2).

Perguntamos o que a fez retornar para a escola e ela relatou que foi em razão de um advogado que estava fazendo o inventário de sua casa. Ele achou Rosa muito inteligente e perguntou se ela não tinha vontade de estudar. Ela disse que a paixão dela era ir para a escola e voltar a estudar. Com isso, o advogado buscou a escola para que ela conseguisse retornar.

“Eu só consegui entrar na escola depois fiquei viúva, meu marido nunca me incentivou, nunca me deu força para estudar, para ele mulher tinha que ficar em casa de escravinha dele. Não deixou nem eu trabalhar, imagina me deixar a estudar”. (Rosa)

O conceito de violência de gênero só pode ser entendido, seja em seu sentido mais amplo seja em seu sentido específico, como relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher, pois integra a ordem patriarcal de gênero (CUNHA, 2014, p.4).

A aluna Rosa traz em sua trajetória de vida as marcas do quanto o machismo e o preconceito racial foram fatores condicionantes para o seu impedimento de estudar. Ela foi retirada da escola, retirada do mercado de trabalho e possível vida social pelo simples fato de ser uma mulher negra e viver em uma sociedade na qual o sexo e a cor ainda são aspectos decisivos quanto à posição social, educacional e profissional.

“Acho que se eu aprender a ler, vou ter um outro mundo, esse mundo “tá” fechado, todo mundo sabe e eu não, parece que estou em uma escuridão” (Jasmim)

Ao perguntar para aluna Jasmim sobre o que a fez deixar de estudar na infância, ela evidenciou que sua mãe faleceu quando ela ainda tinha 12 anos. Até então estudava no melhor colégio, segundo ela, aqui de Porto Alegre. Entretanto, após a morte da mãe tudo mudou em sua vida. Ela tinha mais cinco irmãos que trilharam caminhos diferentes. Por já ter um pouco mais de estatura, ou seja, como já era “grande”, não foi escolhida por nenhum familiar e ficou passando trabalho. Os demais foram acolhidos por tios e outros familiares. Quando questionada sobre o que a fez retornar à escola, ela relatou que depois que teve seus filhos foi trabalhar em casas de família. Jasmim contou que procurou dar para seus filhos tudo aquilo que ela não teve. Buscou sempre o melhor para eles, principalmente quanto aos estudos. Relatou ter uma paixão enorme por livros, que sempre gostou de presentear seus filhos com eles. Ficava muito curiosa para saber sobre o que tratavam. Na casa de família em que trabalhava, sua patroa contou sobre a escola. Disse que já havia estudado no CMET e que, inclusive, havia se formado. Jasmim viu a oportunidade de seu sonho acontecer, buscou a escola e matriculou-se.

Quando perguntei sobre o que a escola tinha mudado em sua vida, ela destacou que a vida dela está bem melhor. Ela mudou muito, se sente bem ao vir para a escola. No caminho até o CMET, conta que vem feliz e realizada por estar tendo a oportunidade de estudar novamente, bem como conhecer o mundo que ainda está fechado, escuro, como ela relatou.

*“Colégio não era para negro, ainda mais naquela época a prioridade era o trabalho”
(Dália)*

Após questionar a aluna Dália sobre os condicionantes que a impediram de estudar em sua infância, ela evidenciou que a família morava no interior de Pelotas. Com isso, trabalhavam nas casas das pessoas com melhor poder aquisitivo em “troca” de moradia. O pai trabalhava da lavoura, a mãe cuidava da lavagem de roupas e ficavam como responsabilidade para Dália os afazeres de casa.

A aluna especificou que “não tinha vez para negro. Tínhamos que trabalhar, não tínhamos casa, trabalhávamos na casa das famílias”. Ao refletir sobre a fala da aluna, notamos que o acesso à escola sempre foi destinado a uma parcela da sociedade, isto é, branca, com melhor poder aquisitivo e filhos de grandes “Senhores e Senhoras”. Outro ponto imprescindível é a distinção de raça. Desde os primórdios, a sociedade racista e excludente criou a ideia de que as pessoas negras não tinham direito ao estudo e ao convívio social como os demais. Com isso, cabia a eles apenas servir aos seus patrões em troca de alimento e moradia, transformando a vida dessas pessoas totalmente insalubre e sem perspectivas de melhora.

As pessoas negras, principalmente as mulheres, eram consideradas ou destinadas à aprendizagem apenas de trabalhos manuais, tarefas domésticas e repetitivas. A visão que se tinha dessas pessoas era de incapacidade de abstração. Como não eram educados para tal fim, continuavam sem o acesso à escola e sem educação, isto é, não tinham perspectiva de vida e, assim, a visão sobre eles somente era reforçada.

Dália conta que sua filha foi sua grande inspiração e motivação para começar a estudar, visto que a aluna nunca tinha ido para escola, nem conhecia como funcionavam tais instituições. Sentiu que precisava ir para a escola, em razão a necessidade de comprar algo, assinar algum documento etc. Frisou que demorava muito tempo para realizar as atividades citadas, visto que não sabia ler nem escrever.

“Minha necessidade é de aprender, passa um ônibus não sabe, vai em uma loja não sabe, pega um cartão não sabe o que está escrito nem o que significa, precisa fazer alguma compra e não sabe” (Dália)

Entendemos a partir da fala de Dália o quanto essas pessoas se sentem incapazes, impotentes e sofrem diariamente pelo fato de não saberem ler nem e escrever, como se vivessem em um mundo escuro, como citou a aluna Jasmim. Viver em um mundo “dos letrados” gera dor, pois, na corrida diária da vida, elas já saem em desvantagem. Por isso, precisam se sujeitar a empregos que pagam valores baixos, dependem das pessoas para fazer compras, pegar algum tipo de transporte etc.

Ao se questionada sobre qual é a importância da escola em sua vida e o que mudou depois do ingresso nessa instituição, a aluna destacou que muitos aspectos foram modificados em sua vida com a oportunidade de ir para a escola, principalmente o conhecimento e a interação com as pessoas. “Hoje passa um ônibus eu consigo ler os letreiros, vou nas lojas e já consigo identificar seus nomes e de qual loja se trata, já consigo fazer compras sozinha”. Salientou ainda, com bastante entusiasmo, que estava precisando de um sofá para sua casa e não precisou pedir ajuda para sua filha, pois foi até uma loja e conseguiu comprá-lo sozinha.

Essas falas confirmam o quanto a escola tem papel fundamental de reposicionamento e empoderamento na vida dessas estudantes, o quanto a escola pode influenciar nas conquistas diárias de independência dessas pessoas, transformando-as em agentes de suas próprias vidas. “Eu me sinto muito bem em poder fazer essas coisas sozinha, quero ir para o teatro, viajar, quero ir nos lugares, conhecer um mundo que ainda não tive oportunidade”.

A partir dessas falas podemos vislumbrar o quanto os direitos básicos dessas estudantes estavam sendo violados. As pessoas alfabetizadas e inclusas no mundo dito como letrado, não fazem ideia de o quanto essas pessoas se sentem mal por não conseguir resolver suas questões rotineiras sozinhas e esse aspecto é primordial para qualidade de vida e inserção dessas estudantes na sociedade de forma plena. Com base nesses relatos, conclui o quanto foi fundamental o retorno para a escola depois de adultas e o tanto que esse retorno mudou suas vidas para

melhor. Agora elas conseguem circular pelos lugares, ler placas, fazer compras de forma autônoma.

6 (ENTRE)TECENDO TRAJETÓRIAS

Diante da escuta sensível das falas dessas mulheres, compreendi que diferentes são os condicionantes que excluíram essas mulheres de estudar no tempo dito como regular: a falta de oportunidade devido aos problemas financeiros, necessitando completar a renda da família; exclusão por meio de *bulliyng*, práticas racistas e excludentes do ambiente escolar e da sociedade como um todo; machismo e a infame convenção social da mulher doméstica.

Ao longo do estágio, pude vislumbrar que essas mulheres, por meio da escola, se reinventaram imersas em tal ambiente para além dos conhecimentos adquiridos ali - dentre eles ler e escrever. A escola também proporcionou uma leitura de mundo, uma interação social e uma constituição como sujeitos que refletem sobre o contexto vivido e os acontecimentos recorrentes na sociedade.

As mulheres da EJA retornam às instituições escolares não só em busca de um certificado ou uma melhor colocação no mercado de trabalho. Elas esperam muito mais do que ler e escrever, pretendem continuar os estudos, obter uma formação crítica social, poder serem agentes de suas próprias vidas, adquirindo autonomia, frequentando diferentes lugares, podendo ir aos lugares, fazer comprar sem precisar de ajuda para entender as escritas dos locais, almejam uma oportunidade para um futuro melhor, tanto para elas quanto para seus familiares.

Pude compreender como a escola desempenha um papel fundamental para o empoderamento das mulheres, pois o espaço da sala de aula e as temáticas trabalhadas possibilitam que elas compreendam seu espaço no mundo e se sintam sujeitos pertencentes aos espaços que circulam. Entendem que a mulher tem espaço de voz e vez, que cada uma delas, com suas singularidades, é importante e faz história na sua vida ou na vida de alguém.

O estágio curricular em uma turma de jovens e adultos é algo enobrecedor, tanto para o crescimento profissional docente quanto pessoal, pois encontramos realidades e trajetórias de vida muito diferentes da nossa. Assim, aprender com cada uma dessas mulheres e mostrá-las o quanto são importantes nos espaços que

elas circulam, auxilia no processo de alfabetização e entendê-las com suas singularidades foi algo gratificante e indescritível.

Pensando nos objetivos da temática realizada no estágio em construir com aquelas mulheres um espaço de autonomia, obtivemos sucesso. Agora há por parte delas reconhecimento enquanto mulher de luta e fortes, que lutam pelos seus objetivos, que se aceitam da forma que são e como são, libertas de padrões impostos pela sociedade.

Acredito que esse é o papel da escola, preocupar-se não apenas em formar sujeitos, no âmbito da leitura e da escrita, precisa também formar essas pessoas para o mundo, fazendo com que elas entendam e se identifiquem com o seu papel na sociedade, formem-se sujeitos críticos, que possam opinar e ter voz ativa nas demandas sociais, que possam criar autonomia para conduzir suas vidas da forma como acharem correto. Mulheres de luta, de fibra, que sejam apenas como elas são, da forma que são, que almejam um crescimento diário e busquem sempre se sentir pertencentes aos lugares pelos quais circulam.

7 CONCLUINDO, MAS NÃO ENCERRANDO A DISCUSSÃO

A partir do estudo deste trabalho, observei por meio das leituras e documentação teórica que pouco se fala sobre mulheres na educação de jovens e adultos, menos ainda em se tratando do papel que a escola é capaz de desenvolver na vida desses sujeitos. Foram identificados poucos estudos sobre o tema. Este panorama aponta para a necessidade de investigações que demonstrem as potencialidades interativas e sociais desses sujeitos que ingressam na escola depois de adultos e as competências desenvolvidas a partir desse processo de retomada aos estudos, o quanto a escola tem papel fundamental para o reposicionamento social dessas mulheres.

Mudar a visão da homogeneidade para a diversidade, acreditar que todos podem aprender e reconstruir a escola de forma que seja, de fato, para todos, são os primeiros passos para a inclusão. Sem paradigmas, sem receitas e sem esperar de seres humanos desiguais resultados homogêneos. Segundo Adichie (2015, p. 36), para quem o peso das expectativas do gênero é um impedimento para que sejamos mais felizes e mais livres, complementa essa necessidade afirmando que:

É importante que comecemos a planejar e a sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (ADICHIE, 2015, p. 28).

Após o processo de escrita e reflexões para a efetivação deste trabalho, penso o quanto o estágio curricular em uma turma de jovens e adultos influiu na minha vida docente, tornando-me uma pessoa melhor, pois, a partir da possibilidade de ingresso nessa turma, pude refletir mais sobre os diferentes contextos nos quais as pessoas circulam, como as pessoas vivem, o quanto as mulheres desempenham papéis fundamentais para o desenvolvimento social. Além dessas questões, penso o quanto me reinventei como pessoa, entendendo e refletindo sobre as diferentes realidades encontradas, com histórias de vidas tão diversas e totalmente diferentes que a minha. O tempo de estágio e, posteriormente, no estudo de pesquisa para este trabalho, penso o quanto foi importante aprendermos a respeitar diariamente as

singularidades dos sujeitos, os seus diferentes tempos e, principalmente, aprender a usar a famosa empatia, hoje tão pouco utilizada.

Acrescento, ainda, o quanto foi importante valorizar e trazer para a prática docente os saberes desses sujeitos, o quanto eles têm para acrescentar diariamente em sala, saberes esses que não temos. Pude perceber também o quanto essas mulheres acham que não sabem e tem vergonha de se colocar, visto que, ao longo de suas vidas, foram silenciadas e desacreditadas. Penso, a partir desse contexto vivido, o quanto é importante valorizar tais saberes, fazer com que elas se sintam à vontade para opinar, entender que esses espaços pertencem a elas também e o quanto é necessário que se sintam seguras para dar suas versões e conhecimentos que são trazidos a partir das suas trajetórias de vida.

É fundamental que possamos promover nas escolas um espaço que desenvolva o empoderamento das estudantes, que elas se sintam capazes de compreender a importância delas naqueles espaços, que aquele lugar é o seu lugar, que podem e devem colaborar no processo de ensino e aprendizagem.

No processo de estágio, bem como de pesquisa deste trabalho, refleti sobre a importância do papel da escola em desempenhar uma educação que possibilite a autonomia, o empoderamento, promoção de emancipação, participação e sentimento de capacidade para essas mulheres. Durante a prática docente foi possível cumprir o objetivo, promover um espaço diferente para as mulheres presentes na turma de alfabetização. Partilho o mesmo pensamento de Antoine de Saint-Exupéry quando afirmou que “aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós”. Portanto, se pensarmos no indivíduo como uma infinita possibilidade de crescimento e empoderamento, conciliando com um olhar empático, estaremos trilhando um caminho sensível e libertador.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Os anos 60: movimentos sociais, transformações culturais e mudanças de paradigmas In: ADELMAN, Miriam. **A Voz e a Escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 23-68.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BANDEIRA, Cláudia Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. (2010). As implicações do Bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.1, 2010. p. 131-38.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

BRASIL. MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2014.

CAVALHEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação**, repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro Edições, 1998.

CUNHA, Bárbara Madruga. Violência contra a Mulher, Direito e Patriarcado. In: XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR, 2014, Curitiba. **Anais... XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR**, 2014. v. 1. p. 149-170.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **Mulher e cidadania na nova ordem social**. [S.l: s.n.], 1996.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. v. n 14, 2000. p. 108-130.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres nas salas de aula. In: Mary del Priore. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEÓN, Magdalena de. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventana**, n.13, 2001. p. 94-106.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Deslocamentos. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições**. Campinas. [s. n.], 2017.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado., PASINI, Audri Inês., et al. **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos**. Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/16.pdf>>

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON Olga (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002

RIBEIRO, Vera Masagão, JOIA, Orlando, PIERRO, Maria Clara Di. Visões da educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Acesso em: 14 mar. 2019. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo: Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. 12 f. NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. [S. l.: s. n.], 1990. Acesso em: 20 abr. 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro para entrevistas individuais

1. O que fez você não conseguir ir à escola no tempo dito regular?
2. O que fez você retornar à escola?
3. Qual a necessidade de voltar à escola?
4. Qual a importância da escola para você?
5. O que mudou na sua vida após retornar para a escola?
6. O que a sua família achou quando voltaste a estudar?